



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CEDUC - CENTRO DE EDUCAÇÃO**

Marcela Guimarães Alves

**UMA ABORDAGEM DA INFLUÊNCIA DA ORALIDADE NA ESCRITA  
DOS ALUNOS DO 5º ANO**

Campina Grande - PB  
Maio/2016

Marcela Guimarães Alves

**UMA ABORDAGEM DA INFLUÊNCIA DA ORALIDADE NA ESCRITA  
DOS ALUNOS DO 5º ANO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras-Língua Portuguesa, orientado pela Prof. Ms. Amasile Coelho Lisboa da Costa Sousa, como requisito parcial para obtenção do título de Graduada em Letras.

Campina Grande - PB  
Maio/2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A474a Alves, Marcela Guimarães  
Uma abordagem da influência da oralidade na escrita dos  
alunos do 5º ano [manuscrito] / Marcela Guimarães Alves. - 2016.  
48 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.  
"Orientação: Profa. Ma. Amasile Coelho Lisboa da Costa  
Sousa, Departamento de Educação".

1. Oralidade. 2. Escrita. 3. Ensino. 4. Aprendizagem. 5.  
Língua portuguesa. I. Título.

21. ed. CDD 469

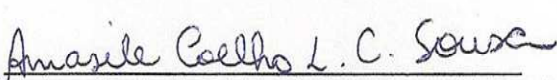
MARCELA GUIMARÃES ALVES

UMA ABORADAGEM DA INFLUÊNCIA DA ORALIDADE NA ESCRITA DOS  
ALUNOS DO 5º ANO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Graduação em Letras-Língua  
Portuguesa, orientado pela Prof. Ms. Amasile  
Coelho Lisboa da Costa Sousa, como requisito  
parcial para obtenção do título de Graduada  
em Letras.

Aprovada em: 02/05/2016.

BANCA EXAMINADORA

 9,0  
Prof. Ms. Amasile Coelho Lisboa da Costa Sousa (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

 9,0  
Prof. Ms. Tatiana Fernandes Sant'ana  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

 9,0  
Prof. Dra. Tânia Maria Augusto Pereira  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho aos meus pais que foram essenciais perante as dificuldades durante este percurso. E a minha avó Irene, referência de ser humano para mim.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, sobretudo, a Deus por me dar saúde e força para enfrentar as dificuldades encontradas ao longo da minha graduação.

A esta Instituição, ao corpo docente de Letras e aos funcionários que me apoiaram e me concederam oportunidades acadêmicas enriquecedoras que irei levar por toda a vida.

A minha orientadora, professora Amasile Coelho, por suas orientações, suporte e incentivo, tão essenciais para a conclusão deste trabalho.

À banca examinadora, composta pelas professoras Tatiana Fernandes e Tânia Augusto, por se disponibilizarem em estarem presentes no dia da apresentação, com contribuições relevantes ao meu trabalho.

Aos meus colegas de curso, companheiros e amigos que irei levar pela vida toda, especialmente meu amigo/irmão, Ramon Oliveira, que se fez primordial em todos os momentos da graduação. Se hoje concluo esse ciclo da minha vida acadêmica, devo grande parte a você, Ramon!

Agradeço a toda minha família, por me dar amor, incentivo e apoio incondicional.

A minha mãe, minha heroína, que me ama, me apoia e tanto acredita no meu potencial.

Ao meu pai, meu herói, a quem devo tudo que sou hoje.

Aos meus irmãos e sobrinhos, que são minha base de sustentação.

Agradeço ao meu namorado e parceiro, Augusto, pelo incentivo e apoio dado desde o início da minha trajetória acadêmica e por todo amor, carinho, paciência e compreensão que tem me dedicado.

A todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte da minha formação e que, mesmo não estando citados aqui, contribuíram para a conclusão desta etapa.

A todos, muito obrigada!

*" A vantagem é recíproca,  
pois os homens,  
enquanto ensinam,  
aprendem."  
(Cartas a Lucílio.Sêneca)*

## RESUMO

Este estudo propõe uma reflexão acerca da importância didática da oralidade no ensino fundamental, como instrumento para o processo ensino x aprendizagem de Língua Portuguesa. A abordagem teve como motivação a apuração da ocorrência de um relativo despreparo do professor para o uso da modalidade oral em sala de aula e consequente desvalia de sua eficácia, privilegiando modelos engessados e nem sempre eficientes de ensino, mediante pesquisa de campo, em duas escolas da cidade de Campina Grande, PB, e seus respectivos professores de Língua portuguesa . Para tanto, nos utilizamos de questionário aplicado com os dois professores, para a verificação e análise do uso da oralidade nas aulas de Língua Portuguesa no ensino fundamental, bem como produções textuais dos alunos do 5º ano de uma escola pública e outra particular. O presente estudo tem como objetivo geral abordar o trabalho com a oralidade em sala de aula, mais especificamente analisar a influência desta modalidade sobre escrita dos alunos do 5º ano, assim como investigar como os docentes apontam e trabalham esse fenômeno nas aulas de Língua Portuguesa. A bibliografia procurará apontar as peculiaridades da oralidade no desenvolvimento das competências comunicativas, textuais e linguísticas dos discentes, promovendo a assimilação mais ampla dos conteúdos de Língua Portuguesa e preparando-os para o uso deste conhecimento de forma sistematizada. Como suportes teóricos, nos fundamentamos em estudiosos que trazem discussões pertinentes sobre o assunto, dentre eles, Conceição (2009), Correa (2010), Marcuschi e Dionisio (2007), Soares (2005).

**Palavras-chave:** Oralidade. Escrita. Ensino.



## **ABSTRACT**

This study proposes a reflection about the importance of teaching orality in elementary education as a tool for teaching x Portuguese language learning process. The approach was motivated to verification by field research - in two schools in the city of Campina Grande, PB, and their Portuguese language teachers - the occurrence of a relative lack of preparation of the teacher to use of this classroom tool and consequent worthlessness of their effectiveness, focusing plastered models and not always effective teaching. Therefore, we use the questionnaire applied to the two teachers, for the verification and analysis of the use of orality in the Portuguese language classes in elementary school, and textual productions of the students of the 5th year of a public school and one private. The current study aims to address the work with the orality in the classroom, more precisely analyze the influence of this phenomenon in the writing of elementary school students, as well as investigate the preparation level of teachers in of this empowerment tool. The bibliography search point the orality of peculiarities in the cognitive development of communication, textual and language skills of students, promoting the wider assimilation of Portuguese language content and preparing them for the use of this knowledge in a systematic way, with reference to, among other theoretical support - that bring relevant discussions in this regard, Conceição (2009), Correa (2010), Marcuschi e Dionisio (2007), Soares (2005).

**Keywords:** Orality. Writing. Teaching.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS.....	12
1.1 Considerações sobre fala e escrita.....	13
1.2 Oralidade e letramento: uma questão social.....	16
1.2.1 Letramento e Alfabetização.....	16
1.2.2 Relação Oralidade Leramento.....	20
1.3 Abordagem didática do emprego da oralidade nas salas de aula do EF.....	23
2 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA.....	27
2.1 Procedimentos para coleta e seleção de dados.....	27
2.2 Procedimentos para a análise dos dados.....	28
3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	30
3.1 A produção textual dos alunos da Escola Pública.....	30
3.2 A produção textual dos alunos da Escola Particular.....	34
3.3 Um olhar sobre os questionários.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS	
ANEXOS	

## INTRODUÇÃO

Atualmente, pesquisas são desenvolvidas acerca de práticas inovadoras que enfatizam o processo de formação do ser humano, propiciando um melhor desenvolvimento social e cognitivo, tornando o saber ainda mais expressivo. A oralidade, até bem pouco tempo tratada com certo simplismo, ganhou força com a dinâmica da contemporaneidade e tem se destacado como elemento essencial no ensino de Língua Portuguesa, desde a sua inserção nos conteúdos obrigatórios da disciplina através dos documentos oficiais (como os Parâmetros Curriculares Nacionais) e livros didáticos.

A oralidade é, indiscutivelmente, necessária e eficiente na busca da formação e desenvolvimento linguístico do indivíduo, tendo em vista seu estímulo à expressão e socialização, razões que possibilitam ao aluno tornar-se um cidadão independente e seguro.

Para a evolução do ser humano é essencial o uso da linguagem, relacionando a interação humana em todos os contextos da vida, quer seja acadêmico (escolar), profissional (no trabalho, para consegui-lo ou para desempenhá-lo), ou para a mera comunicação na convivência, para expressar sentimentos e opiniões. Em outras palavras, o ser humano precisa se comunicar e, tanto pela fala quanto pela escrita, o objetivo é interagir.

Em um país como o Brasil, com grande extensão territorial, é indiscutível a ocorrência de variações, sejam elas territoriais, geográficas, sociais e linguísticas. Ao pesquisar e/ou ensinar a Língua Portuguesa, todas essas diversidades deverão ser consideradas e trabalhadas, levando em consideração a influência que esses fatores detêm sobre a linguagem, seja ela oral ou escrita. Nesse sentido, o docente tem o dever de se adaptar às variedades apresentadas nas produções textuais dos seus alunos.

Com o intuito de contribuir com a pesquisa científica e de valorizar ainda mais a utilização da linguagem oral no ensino de Língua Portuguesa, o presente estudo tem como objetivo geral abordar o trabalho com a oralidade em sala de aula, mais especificamente analisar a influência da modalidade oral sobre a escrita dos alunos do 5º ano, assim como investigar como o professor aponta e trabalha esse fenômeno nas aulas de Língua Portuguesa.

Para tanto, valemo-nos de vasta teoria e de uma pesquisa de campo, cujo propósito foi o de investigar a ocorrência de fenômenos da oralidade presentes nos textos escritos, assim como apreciação que o docente realiza diante desse acontecimento. Para tal, foi aplicado com dois professores de distintas redes de ensino, pública e privada, um questionário com indagações referentes ao seu trabalho em sala de aula com a oralidade; assim como foram

recolhidas as produções textuais das turmas do 5º ano, dos respectivos professores, para ser analisada a ocorrência da influência oral nessas produções.

Como suporte teórico para a nossa pesquisa, destacamos, dentre outros autores, Marcuschi (2003) que defende oralidade e letramento como atividades interativas e complementares; Conceição (2009), para quem o letramento ganha espaço na Linguística, por enfatizar, nos estudos da linguagem, a importância da modalidade oral e escrita no processo ensino-aprendizagem da língua; Correa (2010) que aborda as diferenças nas modalidades de linguagem falada e escrita; Marcuschi e Dionísio (2007), ao discordarem das teorias que veem a fala como informal e a escrita como formal, uma vez que a formalidade e informalidade, tanto na escrita, quanto na oralidade, se adaptam às situações sociais diversas.

## 1 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Na sala de aula, é primordial desenvolver atividades que unam o sujeito ao pensamento, não sendo conveniente aplicar inúmeros conteúdos fora de um contexto motivacional. Compreendemos que propor novas abordagens aos conteúdos habituais, comumente, gera uma certa resistência à quebra dos paradigmas e muitos continuam a enxergar a escola como nas décadas anteriores. Há diversidade de grupos nas escolas e, pensando nisso, as metodologias a serem trabalhadas nesses ambientes tem que ser eficientes para todos.

Além disso, a realidade tem exigido, em quase todos os campos da vida moderna, dinamismo e celeridade. No campo da didática isso não tem sido diferente: a civilidade, a cultura, os desejos sociais, ecológicos, de gênero, vivenciam um forte período de transformação. Dessa forma, as atribuições docentes resultam em vislumbrar o processo educativo sob uma concepção interdisciplinar, que atente para todas as diferentes formas de comunicação.

Nesse mesmo sentido, Ubaldo (2009)

O professor entra como mediador entre a criança e o objeto do conhecimento, propiciando espaços e situações de aprendizagens que envolvam todas as capacidades como, afetivas, cognitivas, emocionais, sociais, etc., explorando os diferentes campos de conhecimentos humanos. O professor tem a função de propiciar à criança, uma ambiente saudável, sem discriminação, rico, prazeroso, onde é possível explorar as variadas práticas educativas e sociais.

Deixadas à parte as considerações sobre a importância da postura professor no processo ensino x aprendizagem - o que seria tema de outro trabalho - a pesquisa se voltou para a importância da oralidade neste cenário. Se o fim da língua é o de comunicar, por que, então, os livros didáticos e as práticas pedagógicas enfatizam mais fortemente a escrita? Sobre essa questão, Correa (2010, p. 25) afirma:

Parece que o homem esqueceu que a língua oral é mais antiga e universal. Primeiro o homem falou, nos primórdios da civilização, depois escreveu. O mesmo acontece com as crianças: primeiro elas pronunciam palavras para depois transformá-las em texto. Também sabemos que existem muitos povos que só tem a comunicação oral e nenhum registro escrito. Existe, na Linguística, um princípio que se chama prioridade da língua oral sobre a escrita, que defende exatamente tudo isso.

Da mesma maneira, corroboram Marcuschi e Dionísio (2007, p. 8):

Certamente, todos nós falamos e ouvimos muito mais do que escrevemos ou lemos, mas o peso dessas práticas não é o mesmo sob o ponto de vista dos valores sociais. Contemplar a língua em uso é importante porque pode auxiliar bastante nossas ações no trabalho de desfazer tais equívocos. É certo que a escola existe para ensinar a leitura e escrita e estimular o cultivo da língua nas mais variadas situações de uso. Mas como a criança, o jovem ou o adulto já dominam a língua de modo razoável e

eficiente quando chegam na escola, esta não pode partir do nada. Isso justifica que se tenha uma ideia clara dessa competência oral para partir dela no restante do trabalho com a língua. A escola não vai ensinar a língua como tal, e sim usos da língua em condições reais e não triviais da vida cotidiana. Em si não haveria necessidade de justificar o trabalho com a oralidade em sala de aula, pois parece natural que isso deva ocorrer. O espantoso é que se tenha demorado tanto para chegar a esse reconhecimento.

Sem dúvida alguma, a escrita funciona como um importante registro da linguagem de uma sociedade, por isso a importância de seu aprendizado, tanto na norma padrão quanto na norma não padrão. Contudo, o que não se pode consentir é que esta modalidade de linguagem seja a única a ser ensinada ou, até mesmo, valorizada.

A supremacia da escrita na escola somente foi repensada em meados de 2000, quando incorporou-se o gênero discursivo à matéria de Língua Portuguesa nos PCN (Brasil, MEC, 1998), ratificando as discussões e reflexões de autores do meio acadêmico, que defendiam a necessidade de se aderir a uma forma mais interativa da linguagem. A partir de então, é que passou-se a observar com mais atenção as variações linguísticas e os aspectos do letramento mais enfaticamente - mesmo que não ainda de maneira prática - mas trazendo à lume essa questão e incluindo-a em um documento oficial.

Esta pesquisa encontrou lacunas no que se refere à prática da oralidade e sua influência na escrita dos alunos. Verificada a possibilidade de contribuir com a didática da Língua Portuguesa pelo fato de, de não somente conhecer os gêneros orais e aplicá-los ao contexto escolar, mas, também, de propor a análise dos elementos relativos à presença da oralidade nos textos dos alunos, se pretende demonstrar a relevância do tema para discussão acadêmica.

## **1.1 Sobre fala e escrita**

Conceição (2009) ensina que os modos de tratar a fala e a escrita refletem diretamente a relação com a língua e seu uso, e infere que o *letramento* (tópico que será tratado a seguir) tem conquistado espaço nos estudos da linguagem, exatamente pela importância de se atentar para a relação entre as modalidades oral e escrita no processo ensino e aprendizagem da língua.

Curioso é observar que, mesmo diante de tantas evidências, a língua escrita ainda recebe uma especial atenção como se fosse mais valiosa no processo de aquisição da Língua Portuguesa. Tal afirmação pode ser sustentada ao verificar editais de concursos públicos ou

processos seletivos de empresas, em que as entrevistas normalmente ocorrem somente após a aprovação da prova escrita e recebem menor "peso" como critério de escolha.

Em contrapartida, Kato (2010) enfatiza que no Brasil, mesmo entre os letrados, é comum a busca por informações na modalidade oral. Em vez de fazermos consultas diversas em guias, manuais, regimentos, guias técnicos, entre outros, por exemplo, preferimos o mais conveniente e de mais fácil acesso, assim, critica, Kato (2010, p. 40) “Brasil é, pois, o paraíso dos assistentes técnicos, dos advogados e dos assessores técnicos”.

Há um princípio na Linguística conhecido como “prioridade da língua oral sobre a escrita”, em que defende a prevalência da oralidade sobre a escrita, reivindicando, por exemplo, o fato de que o homem primeiro falou para depois escrever e que existem, ainda nos dias atuais, povos que se comunicam somente através da língua falada.

Sobre este assunto, escrevem Marcuschi e Dionisio(2007, p. 23):

[...] Não é de hoje que se procura investigar as relações entre a fala e a escrita. Mas, foi nos últimos 30 anos, que a dedicação sistemática ao tema tomou corpo, e, nesse período, surgiu a maioria dos estudos de que hoje dispomos, particularmente no Brasil. De uns tempos para cá, os linguistas resolveram tratar do tema de modo crescente, após um longo período de estagnação dos estudos sobre a fala.

A questão, porém, não é de estabelecer uma competição, mas sim de depurar o que há de melhor nos dois processos de aquisição de conhecimento da língua, a fim de que contribuam entre si para um amplo aprendizado.

Para Correa (2010, p. 30), as duas modalidades têm suas particularidades e a autora elenca as principais características entre a língua falada e a língua escrita. O quadro 1 mostra as características entre as duas modalidades.

Quadro 1: Características fala x escrita

Oral	Escrita
Língua não-padrão: quando conversamos, o registro é de linguagem não-padrão, ou seja, aquele que não está de acordo com as normas gramaticais. Ex.: <i>Muitas vezes tu não pega o livro para ler.</i>	Língua padrão: o registro escrito não admite o uso de língua não-padrão, ou seja, quando escrevemos devemos usar a língua de acordo com as normas gramaticais. Ex.: <i>Muitas vezes tu não pegas o livro para ler.</i>
Linguagem corporal: é muito comum usarmos o nosso corpo para ajudar o processo de comunicação e a nossa ideia, muitas vezes, é expressa por um gesto ou olhar. Ex.: Maria ficou com uma colocação feita por Joana e fez um sinal para Pedro, dizendo que ela estava louca.	Contextualização: tendo em vista que emissor e receptor estão longe um do outro, torna-se necessário que o autor do texto descreva o contexto e só saia dele quando especificar um outro. Ex.: Em um livro de romance, o cenário da história.
Intervenção do receptor: no processo comunicativo oral, o ouvinte pode nos interromper para pedir que expliquemos melhor a nossa mensagem,	Adequação do texto ao leitor: o leitor não tem como interagir com o escritor, por isso deve haver um direcionamento do que se escreve para quem

<p>para opinar, para nos corrigir, ou para sugerir outro assunto.Ex.: Maria e Pedro conversam. Ela, repentinamente, diz:</p> <p>– Eu não quero te ver mais! E ele coloca:</p> <p>– Eu não ouvi direito. O que foi?</p>	<p>se lê. Isso diz respeito não somente ao assunto, mas também à adequação da linguagem. Se isso não for observado, corremos o risco de não nos comunicarmos por meio do texto produzido. Ex.: Se o livro for direcionado a professores, usar assuntos de cunho pedagógico e linguagem técnica referente ao sistema educacional.</p>
<p>Contexto situacional: durante uma conversa, podemos fazer referência a algo externo ao assunto, mas que faz parte do contexto daquele momento. Ex.: Maria e Pedro conversam sobre a escola. Neste momento, passa Joana com uma roupa espalhafatosa. A amiga de Pedro faz um comentário sobre aquela cena.</p>	<p>Ausente na língua escrita.</p>

Fonte: Elaboração da autora

Marcuschi e Dionisio (2007, p.25) não concordam integralmente com esta classificação e afirmam:

[...] Não se trata de um espelhamento, pois a língua não reflete a realidade, e sim ajuda a constituí-la como atividade. Trata-se, muito mais de uma funcionalidade que está muito presente na fala. A formalidade ou a informalidade na escrita e na oralidade não são aleatórias, mas se adaptam às situações sociais. Essa noção é de grande importância para perceber que tanto a fala como a escrita têm realizações estilísticas bem variadas com graus de formalidade diversos. Não é certo, portanto, afirmar que a fala é informal e a escrita é formal.

Prosseguem argumentando que se trata de um equívoco relacionar oralidade aos termos contextualidade, implicitude, informalidade, instabilidade e variação, atribuindo à escrita características de contextualização, explicitude, formalidade, estabilidade e homogeneidade (MARCUSCHI, DIONISIO, 2007, p. 25). Isto porque classificam essa caracterização como "estreita", já que uma simples análise da produção textual escrita denota que todos os usos da língua são socialmente e historicamente dispostos, mantendo "alto grau de implicitude e heterogeneidade, com enorme potencial de envolvimento". (MARCUSCHI, DIONISIO, 2007, p.25)

Pensando sobre a escrita, a ideia não é abandonar a técnica, a organização metodológica ou a abolição do código escrito, mas convergir acadêmica e pedagogicamente para a importância de atrelar a estes métodos convencionais a experiência do convívio, da expressividade.

Desta forma, Conceição (2009, p.135) afirma:

Não se deve, no entanto, em nome de uma "visão ampla de letramento", deixar de proporcionar ao aluno o conhecimento da técnica da escrita nem jogar fora todas as cartilhas, abolir todos os métodos de alfabetização de sala de aula, como se fosse possível ensinar a ler e a escrever sem um mínimo de organização metodológica.



Compreendemos a fala e a escrita em uma relação de mais semelhanças do que dicotômicas, como bem ressalta Marcuschi (2007, p.58), “não se trata de ver a fala como um simples ‘código oral’ e a escrita como um simples ‘código gráfico’ que codifica uma língua que estaria previamente pronta, homogênea e fixa”.

## **1.2 Oralidade e letramento: uma questão social**

Para que haja elucidação abrangente em relação ao assunto proposto, é relevante distinguir e aprofundar o entendimento sobre a necessidade de "letrar" um aluno e não de simplesmente alfabetizá-lo.

Para tanto, vale ressaltar que a maior parte dos estudiosos da matéria concebem a palavra "alfabetização" com um sentido funcional uma vez que alfabetizar o aluno, por exemplo, não quer dizer letrar o mesmo, tendo em vista que:

a alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento e, este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização (SOARES, 2004, p. 14)

Seguem as considerações.

### **1.2.1 Letramento e Alfabetização**

Conforme nos lembra Silva ( in. PEREIRA, 2010, p. 117):

Vê-se a Escola como instituição responsável pela educação, diga-se por acréscimo, moralização, apreensão e prática de cidadania, entre outros atributos que lhe são conferidos, a fim de se justificar sua força para cooptar, manter e controlar a criança, em sua estrutura material e política, utilizando-se da figura do professor/educador.

Para a nova escola, que enxerga o sistema de alfabetização como um desafio a ser enfrentado, o processo de letramento surge como amparo junto à aquisição da escrita, indo muito além do ensino de palavras e frases. Isto é, significa recorrer a novas metodologias que produzam sentido e significado na formação do sujeito crítico e com poder de participação social, transformando a escola em um espaço de potencialização.

Nesse sentido, é inegável a importância do domínio da língua, posto que é fundamental para participação efetiva do sujeito na sociedade, justamente por ser veículo de comunicação, informação e conhecimento. É necessário que os sujeitos conheçam as funções e necessidades da língua (ANDRADE, 2011, p, 23).

Para Soares (2003), o conceito de letramento surge enraizado no conceito de alfabetização, o que acaba por originar, de certa forma, uma confusão entre os termos, provocando uma inadequada e inconveniente fusão entre os dois processos, com destaque para o conceito de letramento - o que conduz a certo apagamento da alfabetização. Desta maneira, o letramento vem sendo aceito como pré-requisito da alfabetização ou a alfabetização passa a ser vista como parte integrante do letramento no processo de aquisição da leitura e escrita.

Para o letramento, a participação do indivíduo em práticas sociais de leitura e escrita é imprescindível, pois possibilita conhecer efetivamente as variadas formas de linguagem (orais e escritas), bem como seus usos e organização.

Os variados textos, veiculados no cotidiano da sociedade, são aparatos primordiais para o letramento, pelo simples fato de a aproximação com esses textos gerar uma significativa compreensão e entendimento do real sentido dos usos da linguagem. Conforme Andrade (2011, p. 25), "o domínio e a apropriação da leitura e da escrita neste cenário atual representam o passaporte para a consolidação do sujeito." Kato (2010, p. 15) afirma que "quanto maior a vivência com o material escrito, tanto maior a facilidade em compreender os usos da linguagem escrita".

Os objetivos de "alfabetizar" e "letrar" normalmente, são mesclados e confundidos, cada um com suas especificidades, distintos e ao mesmo tempo juntos.

Andrade (2011) defende que por mais que a aprendizagem da língua escrita tenha início fora da escola, deve-se constatar nela um lugar de sistematização e extensão desta concepção, para que o indivíduo possa perceber a ampliação dos saberes angariados no seu entorno de forma real. Para tanto, "saber o que é letramento e sua importância junto ao processo de alfabetização torna-se necessário para que sejam proporcionadas aos sujeitos situações pedagógicas para aquisição do domínio". (ANDRADE, 2011, p. 27)

As reflexões sobre as práticas pedagógicas atuais e as especificidades da alfabetização e do letramento ratificam a primordialidade de associação dos dois termos mais do que nunca. O cidadão, considerado no seu desenvolvimento, requer uma escola cuja proposta de ensino e aprendizagem do código esteja permeada pelas práticas sociais do emprego da escrita, conferindo-lhe sentido e significado a partir de suas diferentes finalidades no contexto social.

Isto porque, numa sociedade letrada, é preciso ir além do saber ler e escrever. A leitura e a escrita deverão ser praticadas com finalidades sociais, compreendendo os fins dos variados contextos de letramento.

No que se refere aos métodos de aprendizagem inicial da língua escrita, importa a compreensão de que o processo da alfabetização envolve situações de ordem psicológica, psicolinguística, sociolinguística e linguística, conforme Soares (*apud*. MORAIS, 2010). A metodologia utilizada deve ser dinâmica, sempre levando em consideração os objetivos propostos e a finalidade da escrita, tendo em vista atingir esses elementos, por meio dos usos sociais nos diferentes contextos dos quais o aluno está inserido.

É exatamente a partir deste entendimento que o trabalho com textos orais no ensino fundamental se configura como uma metodologia adequada para destacar fatores da aprendizagem da língua escrita, pois, para o aluno para se tornar alfabetizado e letrado dependerá dos contextos de uso da escrita nos variados eventos do cotidiano.

A alfabetização, do ponto de vista do letramento, deve demonstrar a relevância da atividade com os diversos gêneros textuais e orais, tendo em vista adequar o aluno à consciência das formas de utilização da escrita para finalidades distintas, já que para cada situação comunicativa se utiliza textos diferenciados.

Desta maneira, o aluno passa a compreender fatores referentes à estrutura e à organização do texto e sua função discursiva nas práticas cotidianas da sua realidade.

No que se refere ao papel da escola neste processo, Dias (2012, p. 2) comenta que:

(...) a escola tem como função social sistematizar e disseminar os conhecimentos historicamente elaborados e compartilhados por uma determinada sociedade. Por isso, os processos educativos em geral e, principalmente aqueles que ocorrem em seu interior, constituem-se em dinâmicas de socialização da cultura.

Neste sentido, a escola tem o papel de desenvolver nos alunos as competências da escrita organizada e formal, e assim “[...] formar usuários efetivos da escrita que vão operar com essa tecnologia cultural para ler e produzir textos em vários ambiente [...]” .( FRADE *apud* MORAIS, 2010).

De acordo com a língua na concepção da Sociolinguística, a maneira como indivíduo se comunica dependerá do contexto social em que este está inserido. Dessa maneira, se verifica o uso da escrita, a qual dependendo do contexto, é desempenhada por diversas maneiras de escrever, como por exemplo, ao redigir uma carta a um amigo, nos utilizamos de recursos diferentes daqueles usados ao escrever uma carta a uma autoridade pública, reivindicando a solução de algum problema na cidade. Seguindo essa mesma vertente, é

notório esse fenômeno ocorrer com a fala. Não nos expressamos oralmente da mesma maneira em uma conversa entre amigos e em uma palestra de trabalho, por exemplo.

Marcuschi e Dionisio (2007, p. 52) refletem a esse respeito:

Como se sabe, a distribuição e os papéis da leitura e escrita não são os mesmos em todos os contextos ou situações. Na escola, na família ou no trabalho, a escrita tem papéis diferenciados, e a própria colaboração se manifesta de forma diferenciada. Além disso, também há a questão central dos atores sociais, isto é, os autores e os leitores que usam a escrita com determinados objetivos. E ainda há a realidade local, que é diferente quando usamos a leitura e a escrita numa área urbana ou não. Contudo, seria simplista a idéia de que podemos tratar a escrita como uma questão de habilidade a ser adquirida ou de uma competência para os gêneros textuais estabilizados. A competência comunicativa em situações de letramento ou oralidade é muito mais do que uma habilidade de uso da língua e depende de muitas outras condições importantes. É nesse aspecto que começam as distinções entre os domínios discursivos relacionados às formas comunicativas e as necessidades das pessoas nesses contextos.

Sendo assim, cabe à escola verificar a metodologia de ensino ofertado aos discentes, no que concerne ao ensino da língua falada e escrita, e orientar seus alunos quanto aos usos das duas modalidades em contextos diferentes, funções específicas e finalidades distintas.

Como local privilegiado de socialização da cultura, o lugar que a escola ocupa na vida do aluno deve ser de preparo na formação do indivíduo, com objetivos de proporcionar ao mesmo a oportunidade real de se posicionar criticamente frente a sociedade em que vive. Dias (2012, p. 2) comenta que:

As interações sociais que se desenvolvem neste espaço formativo ajudam crianças e adolescentes a compreenderem-se a si mesmo e aos seus outros sociais, enquanto sujeitos sociais e históricos, produtores de cultura e, assim, oportuniza a construção da base inicial para a vivência efetiva de sua cidadania.

A partir do convívio e interação com a família e amigos fora do ambiente escolar, é inevitável que a criança leve para esse espaço as marcas da sua convivência extra escolar, trazendo para esse meio expressões de fala e escrita típicas da sua interação fora da instituição de ensino. Nesse sentido, a escola deve apoiar-se nas competências que o aluno tem sobre a escrita e organizá-las, levando em consideração os usos especializados da língua (BORTONI-RICARDO, 2004).

Em síntese, o que se recomenda, em primeiro lugar, é a primordialidade de reconhecimento da especificidade da alfabetização entendida como processo de aquisição e apropriação do sistema da escrita, alfabética e ortográfica. E, em segundo lugar, assimilar que a alfabetização se desenvolve num contexto de letramento, sendo este entendido como etapa inicial da aprendizagem da escrita (SOARES, 2004).

## 1.2.2 Relação Oralidade e Letramento

A correlação oralidade / letramento é proposta por Bortoni-Ricardo (2004, p. 62) como um contínuo. Para a autora, “não existem fronteiras bem marcadas entre os eventos de oralidade e de letramento. As fronteiras são fluidas e há muitas sobreposições. Um evento de letramento, como uma aula, pode ser permeado de minieventos de oralidade”. Assim, as atividades de escrita e oralidade devem ser realizadas relacionando uma a outra, para então, acontecer um ensino em que a língua é mediada por meio dos seus usos efetivamente.

Não é desde sempre que essa noção de letramento e oralidade como um contínuo é notável no ensino de Língua Portuguesa. De acordo com Marcuschi (2003), a relação oralidade/letramento, por muito tempo foi abordada como dicotômica, na qual a escrita era vista superior à fala. Atualmente, “predomina a posição de que se pode conceber oralidade e letramento como atividades interativas e complementares no contexto das práticas sociais e culturais”, (MARCUSCHI, 2003, p.6)

Marcuschi (2003) ressalta que não se pode restringir a fala a um simples "código oral" e nem a escrita a um simples "código gráfico" que codifica uma língua que estaria previamente pronta, homogênea e fixa. Ao contrário, embora realizem o mesmo sistema abstrato, elas são representações históricas relativamente independentes, não sendo a escrita, dessa forma, a representação da fala. Destaca ainda, que o desenvolvimento histórico da escrita de qualquer língua segue uma linha de transformações e adaptações que, algumas vezes, se distancia da pronúncia, tendo em vista que a fala segue outros caminhos. Prova disso é que, às vezes, tem-se as reformas ortográficas e novas regras para a escrita com a introdução de vocábulos que migram da fala para a escrita ou da escrita para a fala.

Continua afirmando:

Fique claro, portanto, que, quando tratamos da fala ou da escrita, lidamos com aspectos relativos à organização lingüística. Já, quando falamos em oralidade e letramento, referimo-nos às práticas sociais ou práticas discursivas nas duas modalidades.

Marcuschi (2003), comenta que a fala se apresenta em variados gêneros discursivos, encontrando-se no plano da oralidade. Além de ser estruturada pelo som, a oralidade se utiliza de outros recursos prosódicos, como a entonação, os movimentos que o falante faz com o corpo, os gestos, entre outros, que tem como objetivo dar significado e sentido ao que está sendo dito. Por outro lado, a escrita dispõe do mesmo objetivo da fala, que é a interação dos indivíduos, conquanto se diferencia pelas características que a constitui, são elas expostas pela grafia e necessitando de algumas especificidades materiais.

Como observado no tópico anterior, o qual ressalta a diferença e importância da alfabetização e letramento, pode-se entender que letramento não se resume a aprendizagem do alfabeto e do código escrito, mas da apropriação das práticas sociais no que concerne a leitura e escrita.

Para Rojo (2004, p. 1):

Ser letrado e ler na vida e na cidadania é muito mais que isso: é escapar da literalidade dos textos e interpretá-los, colocando-os em relação com outros textos e discursos, de maneira situada na realidade social; é discutir com os textos, replicando e avaliando posições e ideologias que constituem seus sentidos; é, enfim, trazer o texto para a vida e colocá-lo em relação com ela. Mais que isso, as práticas de leitura na vida são muito variadas e dependentes do contexto, cada um deles exigindo certas capacidades leitoras e não outras.

O letramento está relacionado com uso da língua nas duas modalidades, oral e escrita, nos diversos contextos sociais. Sobre o entendimento da relação entre oralidade e letramento, Kleiman (1995, p. 20) afirma que:

O fenômeno do letramento, então, extrapola o mundo da escrita tal qual ele é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita. Pode-se afirmar que a escola, a mais importante das agências de letramento, preocupa-se com o letramento, a alfabetização, o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico), processo geralmente concebido em termos de uma competência individual necessária para o sucesso e promoção na escola. Já outras agências de letramento, como a família, a igreja, a rua como lugar de trabalho, mostram orientações de letramento muito diferentes

Diante dessa afirmação, entende-se que o indivíduo, independente do contexto social em que está inserido, faz uso da língua, mesmo sem saber escrever. Assim, a fala se faz como um meio de interação, permitindo a esse sujeito interagir com os outros e com o mundo, mesmo sem ter conhecimento do sistema gráfico da escrita. Portanto, esse sujeito não é considerado iletrado.

Assim sendo, percebe-se que o letramento não é aprendido apenas na escola, muito pelo contrário, é desenvolvido, sobretudo, no meio social em que vive, seja ele em casa, no trabalho e, também, na escola. Dessa forma, tanto na fala quanto na escrita o sujeito consegue se adaptar as suas necessidades de uso.

Esse dinamismo imposto pela oralidade, segundo Silva (2010), exige do professor que esteja atento e apto a inserir atividades oralizadas dentro das salas de aula. Para isso, a autora aponta ser necessário que o docente reflita sobre alguns aspectos, são eles: “ a finalidade desse evento comunicativo; os participantes desse evento; as condições de produção desse evento ; as características linguístico-discursivas desse evento; os resultados que se pode ter a partir de sua efetivação”(SILVA, 2010, p. 123).

Dessa forma, sabendo o motivo pelo qual está vivenciando essa situação comunicativa, o aluno passa a ser um eficiente participante de qualquer evento de comunicação.

No que concerne à importância dada pelo docente ao texto oralizado, Chartier, Clesse e Hebrard (1996, p. 115) enfatiza que “é importante multiplicar no período da aula as oportunidades para que os alunos falem sobre situações da vida, o bairro, a família, as relações de vizinhança, o calendário, os atos da vida cotidiana, que constituem o pano de fundo de muitos escritos escolares”.

Assim, apesar de o aluno não fazer uso de um gênero oral que necessite de um arcabouço mais aprimorado, este está se expressando oralmente em um ambiente com pessoas diversas (a sala de aula) e se familiarizando, de alguma forma, com o falar em público.

Capellini & Oliveira (2003) salientam que, no decorrer da vida escolar, as crianças que manifestam habilidades orais escassas na interação social, no campo fonológico, sintático, semântico e pragmático, são sobrecarregadas no ambiente acadêmico. A partir dessa observação, fica evidente a importância da linguagem oral no processo ensino-aprendizagem da leitura e escrita.

Isso remete a outro aspecto a ser considerado: a coesão. Para que haja efetiva comunicação, exige-se que os indivíduos tenham suas falas e escritas organizadas de forma a alcançar o melhor sentido possível para as palavras, e isso deve ocorrer tanto nos textos orais quanto nos escritos.

Para Thomaz (2009):

(...) o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais e da escrita, ou seja, um conjunto de práticas sociais, que usam a escrita, enquanto sistema simbólico, enquanto tecnologia, em contextos específicos da escrita denomina-se letramento que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler e escrever para atingir diferentes objetivos, permitir que o sujeito interprete, divirta-se, seduza sistematize, confronte, induza, documente, informe, oriente-se, reivindique, e garanta a sua memória, garantindo-lhe a sua condição diferenciada na relação com o mundo.

A maior parte dos estudiosos considera os aspectos textuais e orais como elementos otimizadores do processo ensino-aprendizagem de língua portuguesa, visto que contribui, principalmente, com o desenvolvimento social do aluno, auxiliando na sua inserção na comunidade.

Ramos (*apud*. NAZARI e WOLFF, 2009, p. 12) afirma que quanto mais rico o conhecimento da linguagem oral, maior será a base de leitura e escrita do indivíduo. Desse

modo, um espaço repleto de narrativas, músicas, poesias, dentre outros gêneros, é mais propício no desenvolvimento da capacidade de interpretação e de enriquecimento do léxico da criança.

### **1.3 Abordagem didática do emprego da oralidade nas salas de aula do EF**

Tratar da oralidade na escola não significa ensinar o aluno a falar, mas saber o que ele está falando. Dessa forma, o fenômeno ensino-aprendizagem da oralidade se pauta no trabalho com os gêneros orais em sala de aula, bem como na percepção, dos professores, das marcas de oralidade presentes na escrita dos alunos.

Nas últimas décadas, a abordagem didática da oralidade nas salas de aula do Ensino Fundamental e no ensino de Língua Portuguesa ganhou especial atenção dos docentes e estudiosos da Linguística. A observância da influência que a fala exerce sobre a escrita no que concerne à língua trouxe aos PCN um olhar atento e um novo direcionamento que requer dos docentes maior preparo e diversidade nas suas práticas de ensino.

Além disso, é também notória a importância da oralidade e seu efeito no código linguístico de qualquer comunidade, quer seja ou não de Língua Portuguesa, pois se comunicar é uma das atividades inerentes ao ser humano que vive em sociedade, exercendo sua cidadania ou simplesmente se relacionando com os seus semelhantes.

Como já exposto neste trabalho, é inevitável a relação entre oralidade e letramento no processo ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, tendo em vista que ambos são imprescindíveis para a interação do aluno na sociedade, independente dos contextos de comunicação serem formais ou informais. Assim, é nítido que, a oralidade e o letramento se relacionam como atividades integrantes uma da outra.

Essa constatação conduz a uma inevitável pergunta: estarão os docentes preparados, ou suficientemente municiados, para valorar e estimular a oralidade dentro das salas de aula, como elemento facilitador da aprendizagem de Língua Portuguesa?

Marcuschi e Cavalcante (2007, p. 123) respondem a essa pergunta negativamente:

Sabe-se, porém, que a existência de diretrizes oficiais apontando parâmetros a serem seguidos e o material didático em vias de adequação a uma perspectiva diferenciada de ensino não são suficientes para garantir a incorporação, no cotidiano escolar, das alterações propostas, até porque as teorias presentes em tais documentos são brevemente apresentadas ao professor, necessitando de aprofundamento.



Além dessa deficiência natural ao início de um novo processo, algumas preocupações se apresentam imediatamente ao propor tal questionamento. A primeira é, sem dúvida, incluir atividades que envolvam a oralidade no planejamento e efetivamente aplicá-las em sala, contudo, evitando a desvalorização dos gêneros orais expressados pelos alunos; ao contrário, propondo atividades que, além de fazerem sentido, preparem os alunos para "expressarem seus textos" corretamente, para grandes ou pequenos públicos, tendo em vista que à escola também cabe o papel de inserir social e eficientemente o indivíduo.

A segunda preocupação se revela em desconsiderar que o homem é cercado por uma escrita que serve a uma pluralidade de intenções e que tem o seu léxico e a sua estrutura gramatical afetados pelas finalidades a que serve e as pessoas a que se destina, além de que a forma de um texto vai sofrer alterações de acordo os usos sociais que envolvem a língua, assim contribui para um aprendizado significativo e integral. Marcuschi e Cavalcante (2007, p. 124) afirmam que a "língua está para além da forma, das regras, uma vez que ela não apresenta a fixidez, a autonomia e a temporalidade que um ensino pautado na prescrição gramatical prevê."

#### Segundo o Governo Federal:

O ensino fundamental é obrigatório para crianças e jovens com idade entre 6 e 14 anos. Essa etapa da educação básica deve desenvolver a capacidade de aprendizado do aluno, por meio do domínio da leitura, escrita e do cálculo. Após a conclusão do ciclo, o aluno deve ser também capaz de compreender o ambiente natural e social, o sistema político, a tecnologia, as artes e os valores básicos da sociedade e da família. Desde 2005, a lei nº 11.114 determinou a duração de nove anos para o ensino fundamental. Desta forma, a criança entra na escola aos 6 anos de idade, e não mais aos 7, e conclui aos 14 anos, ou seja, no 9º ano. A lei garante a todas as crianças tempo mais longo de convívio escolar e mais oportunidades de aprender.

Se a diretriz é que o Ensino Fundamental é a fase de maior aprendizado (pautada, evidentemente, em vivência e não mera especulação), é também a faixa etária em que, notadamente, as crianças estão cognitivamente sedentas, comunicativamente ativas e socialmente estimuladas, não deveria nela se privilegiar a modalidade prevalecente de comunicação destes discentes como ponto de partida para um aprendizado significativo?

Consideramos que, toda comunicação é um texto. Sendo um texto, para ser aceito na sociedade, em forma oral ou escrita, precisa comunicar alguma coisa, adaptar-se ao contexto onde se insere. É dentro dessa perspectiva que podemos inserir os princípios de gêneros textuais na sala de aula do Ensino Fundamental. Com base nessa perspectiva, apresentamos duas propostas de atividade que farão o professor refletir sobre o uso da oralidade em sala de aula do ensino fundamental.

**\* Proposta 1:**

O professor poderá fazer uma comparação, em sala de aula, da escrita de dois gêneros textuais diversos. No exemplo, nos detemos a propor uma carta e uma receita culinária. A atividade consiste em o professor fazer perguntas sobre o desenvolvimento de cada gênero textual, fazendo com que os alunos percebam tais diferenças na escrita dos dois gêneros ao desenvolver os textos. Por exemplo, a turma terá que seguir aos comandos do professor, respondendo algumas perguntas, tais como: “Escrevemos uma carta para um colega da mesma maneira que escrevemos uma receita culinária?”; “Na carta, identificamos a pessoa para qual será entregue?”; “Na receita, precisamos identificar algum destinatário?”; “O que mais deve haver na escrita da carta?”; “E como escrevemos uma receita culinária?”; “A pessoa verbal ‘eu’, na receita é usada?” “por quê?”.

Com essa didática simples e lúdica, o professor mostra ao aluno que a língua escrita tem suas particularidades e varia de acordo com a função e finalidade de uso. O professor tem a oportunidade, também, de fazer o aluno refletir quanto à importância das duas modalidades da língua (oral e escrita), na qual uma não se sobressai a outra quanto a sua relevância nos contextos comunicativos, pois o que acontece é a variação dos usos dessas modalidades de acordo com a situação vivenciada.

**\*Proposta 2:**

Nesta atividade, demonstra-se mais claramente ao aluno como a língua é dinâmica e adaptável ao meio onde se apresenta sem que, com isso, perca a capacidade de comunicar perfeitamente uma mensagem. É o caso de o professor experimentar contar uma história, conhecida, tal como "Chapeuzinho Vermelho", lendo o livro e, em seguida, pedindo a um aluno que recontasse a mesma história, sem lê-la. Provavelmente, o professor irá perceber expressões que marcam a presença da oralidade nesta história, assim como destacar a repetição de alguns recursos lexicais. O professor deverá fazer o aluno entender as características de um texto oral e que essas características deverão ser eliminadas quando o texto for na modalidade escrita.

Refletindo sobre metodologias à luz dos PCN e do PNLD, e tendo verificado que o estudo da língua falada nestes documentos oficiais é pautado pela valorização de três habilidades (escutar, produzir e analisar), compreendemos que o Ensino Fundamental é uma fase vital para estímulo à sensibilização, em que o aluno deve ser ajudado a compreender as exigências da escrita e suas variações, tendo como parâmetro os gêneros textuais.

Tendo isto claro, observamos que alguns tipos de textos ( como contos de fada, receita culinária, carta, histórias em quadrinhos, cartazes, bula de medicamento, poemas,

dentre outros) presentes na vida social dos indivíduos podem ser trabalhados no decorrer do Ensino Fundamental para que haja o desenvolvimento amplo em todos os aspectos da aprendizagem de Língua Portuguesa, nos quais a presença da oralidade pode ser destacada ou proposta, trazendo consigo um arcabouço de expressões sociolinguísticas que contribuem significativamente para este avanço integral.

Poderíamos questionar de que forma pretende-se observar a oralidade nestes textos? A provável resposta seria, buscando encontrar, descobrir ou tornar evidente a situação social em que o texto será usado, mostrando que aparecem em contextos sociais diferentes e requerendo aos alunos que simulem e reproduzam estes textos em sala de aula, de forma oral, para que assimilem o seu contexto.

Compreendemos que instigar o aluno a produzir escritas livres, levantando hipóteses e seu ponto de vista é fundamental para um amplo desenvolvimento linguístico. Assim, cabe ao professor a missão de encorajá-los a expressarem suas ideias, fazendo com que haja o interesse, cada vez mais, pela Língua Portuguesa, tanto na modalidade oral quanto na escrita.

## **2 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA**

A pesquisa se desenvolveu em duas escolas: uma da rede pública e outra da rede privada de ensino, ambas localizadas no município de Campina Grande, estado da Paraíba.

Os participantes da escola pública foram uma professora de Língua Portuguesa e 16 alunos de uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental. A professora, especialista em Língua Linguagem e Leitura, exerce a profissão há cinco anos. Os 16 alunos estão na faixa etária de 10 anos e produziram, em sala de aula, sob a supervisão da professora, um texto sobre a realidade do trabalho infantil no Brasil.

Os participantes da escola particular foram o professor de Língua Portuguesa, com anos de experiência e sem formação continuada, e 15 (quinze) alunos do 5º ano do Ensino Fundamental II, que produziram um texto dissertativo em sala de aula, com a supervisão do professor, sobre a situação da falta de água em Campina Grande.

Os instrumentos de coleta utilizados na pesquisa foram, em um primeiro momento, a aplicação de um questionário junto aos dois professores de Língua Portuguesa participantes do estudo investigativo. Posteriormente, solicitamos dos professores as produções textuais dos alunos, corrigidas, para a análise da pesquisa.

### **2.1 Procedimentos para a coleta e seleção de dados**

A proposta deste estudo é analisar os aspectos da oralidade presente na escrita dos alunos do 5º ano, e observar se o professor percebe esses aspectos e como trabalha esse fenômeno em sala de aula.

Para atender a esse objetivo inicial, os professores de Língua Portuguesa, das escolas supracitadas, solicitaram uma produção textual aos seus alunos. Os temas abordados ficaram a critério de cada professor, bem como o gênero textual solicitado.

Essa atividade foi realizada com inteira responsabilidade dos docentes, ficando sob a incubência da pesquisadora, apenas, o recolhimento das produções textuais e dos questionários. Ressalta-se que as produções de textos foram solicitadas a fim de verificar a recorrência dos aspectos orais na escrita dos alunos e como (ou se) o professor percebe esse fenômeno, levando em consideração a sua correção.

Conforme relatos da professora da Escola pública, a atividade foi dividida em 2 aulas. Na primeira aula, foram levados textos que exprimiram a temática abordada e, na sequência, houve a discussão em sala de aula acerca do tema. Na segunda aula, foi a vez da produção textual por parte dos alunos.

As produções dos alunos da escola particular, segundo o professor, não envolveu o conhecimento prévio da temática, nem discussões acerca do assunto, visto que foram elaboradas como proposta de avaliação bimestral avaliativa, em apenas uma aula.

O questionário aplicado foi criado pela pesquisadora, para aplicá-lo aos professores selecionados para a pesquisa, objetivando entender como os professores observam e trabalham a oralidade em sala de aula, e se há alguma diferença no tratamento com a oralidade entre os dois professores, participantes da pesquisa.

## **2.2 Procedimentos para a análise de dados**

Os textos produzidos pelos alunos das duas escolas, pública e particular, foram analisados com a intenção de observar como a oralidade está presente nos textos escritos.

Ao analisar o *corpus* da pesquisa, consideramos prudente não identificar os alunos, os professores e as escolas. Diante disso, decidimos identificá-los por códigos. Especificamente aos alunos, utilizamos A1, A2, A3, assim por diante, até totalizar a quantidade exata das produções, diversificando apenas os números e mantendo a letra “A” como referência para os alunos. Quanto aos professores e as escolas não houve necessidade de usar códigos.

O enfoque da pesquisa foi o de evidenciar alguns aspectos orais na escrita dos alunos, assim como observar o comportamento dos professores diante desse fenômeno, tendo em vista a correção dos textos, motivo pelo qual foi solicitado que as produções fossem entregues corrigidas.

Foi possível perceber os aspectos de fala na escrita e ver que os professores por não demonstraram preocupação quanto à oralidade presente na escrita dos alunos.

Diante disso, nota-se que a preocupação exposta nas respostas dos professores nos questionários, sobre o trabalho com a oralidade em sala de aula, parece fragilizada ou relativizada, tendo em vista, como exemplo, dentre outros, o texto do aluno A1 (ver anexo) da escola pública, no qual se percebe forte influência de expressões de fala e repetições

excessivas da palavra “*criança*”, demonstrando um relevante problema de marcas orais no texto escrito, e, no entanto, na correção da professora as observações foram apenas: “*Prestar atenção nos parágrafos*”, “*As ideias estão soltas*” e “*Melhorar a letra*”. Isso confirma a fragilidade da resposta no questionário quanto ao trabalho com a oralidade, em que a professora afirma na questão 8 (ver enexo) que “quando percebe algum problema de oralidade na produção textual aponta as falhas e informa sobre os usos na escrita e fala”. Essa contradição se estende ao questionário e correções das produções textuais do professor da escola particular, como foi verificado.

### 3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Nos textos produzidos pelos alunos para esta pesquisa, percebemos que em alguns momentos, a escrita estava sendo conduzida pela maneira como os alunos falam, isto porque é comum crianças em processo de aquisição da escrita fazerem uma certa “confusão” ao escreverem transcrevendo a fala. Stampa (2009, p. 51) relaciona a escrita como “um método de comunicação criado pelo homem tempos depois da linguagem ter sido adquirida”. Ou seja, a linguagem escrita é a manifestação da linguagem oral, pois surgiu posteriormente à fala.

No ambiente escolar, é de conhecimento dos professores que nos anos iniciais do ensino fundamental a escrita dos alunos se aproxima muito da fala, assim, é comum encontrar aspectos da oralidade presente nos textos escritos, como foi verificado nas produções analisadas.

Segundo Marcuschi (2001), tanto a fala quanto a escrita apresentam alguns traços em comum, como por exemplo a dialogicidade, usos estratégicos, funções interacionais, envolvimento, negociação, situacionalidade, coerência e dinamicidade. Esses aspectos fazem com que o aluno, ao produzir um texto, muitas vezes, seja fiel à linguagem oral na organização da sua escrita.

O que se deve aguçar mais a atenção a respeito de como o professor de língua portuguesa reage ao fenômeno da oralidade na linguagem escrita dos alunos e se este realiza trabalhos eficientes em sala de aula ao detectar tais características.

#### 3.1 A produção textual dos alunos da Escola pública

O quadro 2, resultante da análise da produção textual dos alunos da Escola Pública, apresenta algumas expressões orais, repetições e o uso frequente de linguagem coloquial. Para tanto, iremos nos deter na percepção, apenas, dessas características orais encontradas nos textos.

Quadro 2

Alunos	Expressão Oral	Repetições	Uso do “eu”
A1			
A2		"Criança"	“Eu tenho...”
A3	"Você"		“Eu sou...”

A4	"Nem"	"Criança"	
A5	"Então"		"Eu acho..."
A6		"Criança"	
A7		"Criança"	
A8	"Ta nem aí"		"Eu não..."
A9		"Criança"	
A10		"Criança"	"Eu sou..."
A11		"Criança"	"Eu sou..."
A12		"Criança"	
A13	"Mais tipo"	"Criança"	"Eu acho..."
A14		"Criança"	"Eu vou..."
A15		"Criança"	
A16		"Criança"	

Quadro 2 – Resultados da Produção Textual da Escola Pública  
Fonte: elaboração da autora

A maioria dos alunos repetiu a palavra "criança". A metade da turma empregou de maneira inadequada ao texto, a palavra "eu". O uso de expressões orais foi possível de ser observada em alguns textos. Como exemplo, verifica-se, a seguir, a produção textual do aluno A13, para melhor percepção dessas ocorrências. O texto foi reproduzido conforme o original.

#### Produção textual do aluno A13

##### *A exploração infantil*

*Eu sou contra a exploração infantil até os 14 anos, porque **criança** menor de 14 anos tem que brincar, estudar. e curtir sua vida de **criança**, **mais tipo** pra estudar brincar isso sim **eu so contra, mais tipo** para meninos usarem drogas, roubar, ficar no sinal pedindo dinheiro no sinal para comprar Drogas isso **eu apoio**. A família também não tem culpa porque não pode obrigar a **criança** ficar em casa porque pode criar raiva na **criança** ele pode quebrar tudo dentro de casa e é isso que **eu acho**.*

Pode-se observar que o aluno repete a palavra 'criança' quatro vezes, demonstrando não ter a competência de usar sinônimos adequados. Para Hoffnagel e Dionisio (2007, p 115), "apesar de ser mais freqüente na oralidade, a repetição também se faz presente na escrita, desempenhando forte recurso persuasivo.



Outra ocorrência verificada no texto do A13 foi a escrita da expressão oral ‘*mais tipo*’, utilizada por duas vezes no texto. Essa expressão é muito comum na oralidade dos adolescentes, sendo incompatível na linguagem escrita. Afirmam Barbosa e Melo (2007, p. 165), que “os jovens quando escrevem buscam acentuar um contato pautado na descontração, na espontaneidade, na intimidade/proximidade. Para tanto, fazem uso de uma série de estratégias que podem ser consideradas marcas de interatividade”.

É evidente o uso recorrente do pronome pessoal ‘*eu*’, utilizado quatro vezes em todo o texto, trazendo uma subjetividade para a produção, prática não conveniente na escrita formal.

Além das ocorrências supracitadas no decorrer da produção textual do aluno A13, nos despertou atenção as observações feitas na correção da professora. ( Ver anexo). A professora se limitou às seguintes observações:

“Prestar atenção nos parágrafos”, “As ideias estão soltas” e “Melhorar a letra”.

Assim sendo, nota-se que a professora não contemplou, muito menos apontou, em sua correção, os aspectos orais presentes no texto.

As expressões orais são comuns na produção textual dos alunos iniciantes no Ensino Fundamental. Tendo em vista a dimensão das variedades linguísticas que a sociedade possui, da qual estes alunos participam. A língua falada é expressada diretamente na linguagem escrita, a transcrição de uma modalidade para a outra (da fala para a escrita) se torna natural na prática. Em vista disso, é bastante usual os alunos adotarem expressões de fala em qualquer tipo de texto, como se estivessem escrevendo adequadamente.

Cabe ao professor orientar o aluno na maneira adequada de escrever, explicando que uma expressão informal, coloquial, não deve ser utilizada em determinadas produções textuais.

Para este momento, retomamos à proposta 2, de reflexão sobre a oralidade no Ensino Fundamental. É necessário refletirmos sobre a possibilidade do professor utilizar dessa metodologia ao observar a influência da oralidade nos textos dos alunos. Para tanto, faremos uma associação com a produção do aluno A13 da escola pública.

No texto do aluno A13, a professora, ao observar a presença de marcas orais na produção textual, além de apontá-las, deveria utilizar uma metodologia que fizesse o aluno refletir e solucionar o problema. De acordo com a proposta 2, a professora, ao corrigir e apontar as falhas, quanto ao uso da oralidade, no texto escrito, faria um segundo momento dessa aula.

Utilizando-se da leitura da história de “Chapeuzinho Vermelho”, a professora poderia ler o livro e em seguida, solicitar ao aluno que recontasse a história, sem lê-la. Provavelmente, a professora perceberia expressões que marcam a presença da oralidade na história, assim como destacaria a repetição de alguns recursos lexicais. Dessa maneira, a professora faria o aluno entender as características de um texto oral e que essas características devem ser eliminadas quando o texto for na modalidade escrita.

Conforme Lima (2010, p. 01), a gramática normativa tradicional "tratada equivocadamente como se fosse a própria língua portuguesa em si, tem sido imposta como única forma aceitável da língua, dando margem ao severo poder opressor do preconceito linguístico". É preciso considerar que, no ambiente educacional, os alunos precisam refletir acerca das variações linguísticas associadas a origem regional, de gênero, etária e socioeconômica, sendo fundamental o desenvolvimento de propostas de ensino que não desrespeitem a diversidade social do aprendiz, assegurando a democratização do ensino.

Nos textos produzidos verificou-se que os alunos cometeram muitos desvios de escrita, tanto em questão gramatical, como em questão ortográfica e de empregabilidade da linguagem oral na escrita. No entanto, somente, alguns desvios foram apontados pelos professores, mas sem nenhum estímulo de correção.

Desperta a atenção o fato de que, em alguns textos, a professora percebe características da fala na escrita dos alunos, mas somente aponta e não mostra a solução para o problema. Em outros, passa até despercebido, como se fosse mais importante a estrutura e outros aspectos textuais. Como é o caso da produção textual do aluno A7:

*“A exploração infantil”*

*A exploração e ilegal, pode até levar as **crianças** a criminalidade, **criança** tem que Brincar, ter uma família*

*As **crianças** podem ajudar mas não trabalha muitas pessoas, até os próprios pais forsam as **crianças** a trabalhar por que é crime*

***Criança** trabalhando é crime pode levar muitos anos de prisão O trabalho de **crianças**, conhecido como Exploração infantil pode levar a*

*Influências das drogas por isso **criança** não deve trabalha nunca podemos botar uma **criança** parara trabalha é crime*

Percebemos a ocorrência da repetição da palavra ‘criança’ oito vezes no decorrer de um texto curto. No entanto, na correção da professora, há apenas a seguinte observação : “Ideias confusas e repetidas”.

A docente, simplesmente, ignorou a presença de aspectos orais visíveis e merecedores de uma atenção especial. Nota-se que ela afirma que as *ideias* estão repetidas e não a palavra ‘*criança*’, aceitando que esses elementos passem despercebidos e perdendo a oportunidade de fazer um significativo trabalho com a oralidade em sala de aula.

### 3.2 A produção textual dos alunos da Escola particular

O Quadro 3 mostra se houve uso de expressões orais, repetições frequentes de palavras e se, como os textos dos alunos da rede pública, houve a recorrência do uso da palavra “eu”, como marcas de oralidade empregadas de maneira inadequadas nas produções textuais.

A análise elencou os mesmos elementos abordados nos textos da escola pública, tentando encontrar semelhanças em tais investigações. O quadro 3 apresenta essas ocorrências.

Quadro 3

Alunos	Expressão Oral	Repetições	Uso do “eu”
A1			
A2		“Água”	
A3		“Água”	
A4		“Água”	
A5	“Vou dá”	“Água”	
A6	“Você”	“Água”	
A7	“Tá”	“Água”	
A8	“A gente”	“Água”	
A9	“Minha gente”	“Água”	
A10	“Minha opinião”	“Água”	
A11	“Nem”	“Água”	“Eu termino...”
A12	“A gente”	“Água”	“Eu acho...”
A13			
A14	“Minha opinião”		

Quadro3 – Resultados da Produção Textual da Escola Particular  
Fonte: elaboração da pesquisadora

Percebe-se, de início, que as expressões orais são observadas na maioria das produções, bem como as repetições da palavra ‘água’, são comumente visíveis, talvez por causa da temática abordada nas produções: “A falta de água em Campina Grande”.

Observa-se que a escola pública teve um rendimento superior no que trata de produção textual como um todo, pois apresentou menos erros ortográficos e melhor aplicabilidade verbal. No entanto, como nosso foco é analisar, nesses textos, a presença de alguns elementos da oralidade, iremos nos deter apenas nesse último aspecto.

A quantidade de expressões orais encontradas foi um pouco maior que as dos textos da escola pública, contudo nada tão significativa, porém o uso de repetição de palavra foi comumente visível nos textos das duas instituições, bem como o uso do ‘eu’ inadequadamente.

Para demonstrar tais observações, apresentamos o texto do aluno *All*, da escola particular e que foi reproduzido idêntico ao original. (Ver anexo).

*A falta de água em Campina Grande está deichando as coisas muito dificio porque os agricutor não estam colhendo nem plantano a chuva não chega para encher boqueirão ai sei água agente não vivemos por que da água vem as : futas, os vegetais, verduras, legumes, alimentos e etc.*

*As pessoas sem água não sobrevive e se não tiver água não tem luis e sei a luis nã tem magino para as coisas.*

*também as pessoas quando tem água estragam e quando não tem ficam falando e quando chove tem umas que fala e outras que não falando e quando não chove fica falando.*

*E é assim que eu termino assim esses povos são muitos pesta.*

Como podemos observar, entre outros termos, a palavra ‘água’ foi repetida por seis vezes ao longo do texto, demonstrando a falta de domínio do aluno em utilizar recursos estilísticos na escrita para evitar esse tipo de problema.

Em seguida, verificamos o uso da expressão ‘ai’ revelando (no contexto) ser uma marca oral e usada inadequadamente no texto, pois não se trata da escrita de um tipo textual que permita esta ocorrência.

Observamos o uso do ‘eu’, inadequado para esse tipo de produção, trazendo a subjetividade ao texto. Quando diz ‘eu termino’, ‘eu acho’, é como se a criança quisesse enfatizar sua presença na escrita.

Igualmente à professora da rede pública, o professor da rede particular, em sua correção, não faz menção a esses elementos que verificamos. Sua observação se limita em,

apenas, “Abrir parágrafos” e nada mais. Ou seja, demonstrou interesse somente com a formatação do texto.

Dessa maneira, o professor cometeu uma contradição, quando afirma no questionário (ver anexo), especificamente na questão 8, que trata sobre como o professor trabalha o problema da oralidade encontrado nos textos de seus alunos. Sua resposta foi “apontar as palavras erradas e na aula seguinte planejar as discussões sobre os erros”. No entanto, no texto que acabamos de analisar, percebe-se que as palavras que se configuram como expressões de fala não são apontadas na correção, como o professor afirmou que fazia.

Além da produção do aluno *A11*, percebemos essas características orais em vários outros textos. Apesar disso, o professor, com exceção do texto *A12* em que ele aponta para a repetição exagerada da palavra ‘água’, em nenhuma outra produção faz apontamentos sobre aspectos da oralidade.

Uma produção que exemplifica bem o que acabamos de afirmar é a do aluno *A7*. A reprodução do texto está idêntica ao original.

*Antes em Campina Grande era a cidade que tinha mais **água** mais aos tempos de lá pra cá buqueirão esta ficando a cidade que tem menos **água** a população ta sofrendo de um serio problema que é a **água**.*

*E porque ta faltando **água** porque a propria população não cuida do meio ambiente, gasta muita **água** e purai vai a **água** foi poluindo e acabando a **água** lá de buqueirão não está própria para beber e nem pra fazer comida e exemplos escova os dentes, lava causadas.*

*Para resolver esse problema as pessoas tem que para de gastar muita **água** para resolver o problema da **água**.*

O aluno *A7* repetiu a palavra ‘água’ nove vezes. O que mais nos despertou nossa atenção foi o descaso do professor diante desse fenômeno. Em sua correção não tem nenhuma observação referente à escrita, apenas a nota 5,5 atribuída à produção textual. Compreendemos que esse seria o momento de trabalhar com a oralidade, quando o professor percebe que os alunos estão transpondo para a escrita características da outra modalidade.

Assim sendo, é notória a fragilidade nas respostas do questionário respondido pelo professor quanto ao seu trabalho frente à presença da oralidade encontrada nos textos dos seus alunos.

Ao nosso ver, o problema maior não é fato de o aluno trazer a oralidade para a escrita, pois sabemos que nessa faixa etária e grau de escolaridade é comum as crianças se utilizarem desses aspectos no texto. Para Silveira (1997.apud AQUINO e AMARAL, 2004, p.

4), esse fenômeno acontece porque, “ao entrar na escola, a escrita da criança reproduz a sua fala, sendo essa uma das únicas referências em que pode se apoiar”. Nesse caso, o agravante é o professor não observar e deixar de trabalhar esse fenômeno em sala de aula.

### **3.3 Um olhar sobre os questionários**

Os questionários foram aplicados aos professores participantes da pesquisa, com o objetivo de compreender como eles observam e trabalham a oralidade encontrada na escrita dos alunos. O questionário continha doze questões, as quais abordaram perguntas sobre a importância da oralidade e como (ou se) este fenômeno é trabalhado nas aulas dos professores.

As respostas foram satisfatórias, pois mostraram uma dedicação dos docentes quanto à temática abordada e levantaram expectativas de comprovar essa dedicação nos textos corrigidos.

Iremos comentar algumas respostas fornecidas pelos professores. Na questão 4, ao serem questionados sobre a importância da oralidade nas aulas de Língua Portuguesa (ver anexo), a professora da rede pública respondeu o seguinte: “A importância da capacidade e competência de fala, de interação social entre eles (os alunos)”. O professor da rede particular, por sua vez, respondeu: “De grande importância, considerando as finalidades do ensino de L.P, comunicação e interação social, a oralidade e os gêneros orais consistem em uma importante ferramenta para o ensino de LP”.

Na questão 8, que aborda a forma como os professores trabalham a oralidade presente no texto escrito dos alunos, a resposta que a professora da rede pública deu foi: “Faço os apontamentos das palavras erradas e na aula seguinte, planejo as discussões sobre os erros”. O professor da rede particular, respondeu: “Apontando as falhas na escrita e informando sobre os usos na escrita e na fala”.

Tendo em vista essas respostas, esperávamos que ao receber os textos corrigidos, para análise, estes contemplariam as observações acerca das marcas de oralidade presentes nas produções textuais. O que não aconteceu, comprovando que os professores reconhecem a importância de se trabalhar a oralidade na escrita dos alunos, porém não o fazem.

Como já foi mostrado na análise dos textos e dos questionários, sentimos falta da posição dos professores diante da temática abordada. Muito pelo contrário, o que ficou evidente é que os dois professores avaliados deixaram a desejar quanto as respostas dadas nos

questionários, quando comparamos com as produções corrigidas pelos mesmos. O que demonstra a oportunidade perdida de se fazer um trabalho significativo, com propostas relevante (algumas apontadas nesse estudo) com o uso da oralidade na escrita dos alunos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que não existem soluções únicas, fórmulas mágicas ou um planejamento curricular que garanta total eficiência no processo de ensino e aprendizagem.

A presente pesquisa abordou alguns fatores concernentes à oralidade na aprendizagem escrita. É preciso uma preparação adequada por parte dos professores para que os mesmos consigam, a partir de atividades didáticas, sanar a interferência que a oralidade traz para os textos escritos dos alunos.

Deste modo, observamos que apesar de a escrita e a oralidade serem duas modalidades diferentes, a linguagem oral influencia de modo significativo e se faz presente na escrita dos alunos do ensino fundamental. Contudo, vale salientar que as duas modalidades tem a mesma importância nos usos da língua.

De acordo com os objetivos inicialmente expostos, sendo eles, analisar a influência que a oralidade exerce sobre a escrita dos alunos do 5º ano do ensino fundamental e investigar como o professor trabalha esse fenômeno nas aulas de Língua Portuguesa, constatamos que os alunos participantes da pesquisa utilizaram em suas produções textuais recursos orais, tais como, recorrente repetição de palavras e expressões de fala, bem como o uso inadequado da expressão 'eu', trazendo subjetividade ao texto formal. Salientamos também, a insignificância que os professores, participantes da pesquisa, deram a esse fenômeno, encontrado em, praticamente, todos os textos analisados, das duas escolas, a partir das considerações feitas em suas correções.

O ensino, especialmente no que tange ao de Língua Portuguesa, precisa incorporar à sua prática o trabalho voltado à oralidade, pois através desta valorização, a aprendizagem se torna plena e uma consequência natural, concreta e proporcional aos anseios e necessidades dos alunos, respeitando-os e inserindo-os socialmente. Pressupõe fazer uso das expressões escritas e orais no dia a dia da *práxis* pedagógica, e incluir a formação científica, que forma o indivíduo tanto quanto o desenvolvimento de suas emoções e sentimentos.

Embora possa haver a abordagem de maneira específica ao assunto oralidade e escrita com os alunos, o cuidado com a escrita e leitura dos discentes ainda está atrelado ao

modelo "engessado" de ensino, notando um despreparo (acadêmico e pedagógico) para que os docentes façam, efetivamente, diferença no processo do ensino e aprendizagem dos alunos.

Os professores de Língua Portuguesa precisam trabalhar de maneira mais específica a oralidade junto aos alunos do Ensino Fundamental, de modo que eles aprendam a utilizar as palavras de maneira formal nas produções textuais, além de estarem aptos a apontar e solucionar as inadequações cometidas nas produções, considerando problemas gramaticais, verbais, ortográficos essenciais à comunicação e a adequada empregabilidade de expressões orais.



## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, A. *O desvelar de dois caminhos possíveis*. Jundiaí: Paco Editorial, 2011..
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais (5ª a 8ª séries)*. Língua Portuguesa. Brasília: Ministério da Educação (Secretaria de Educação Fundamental), 1998.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística em sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.
- CHARTIER, Anne-Marie; CLESSE, Chistiane; e HEBRARD, Jean. *Ler e escrever: entrando no mundo da escrita*. Porto Alegre: Artmed, 1996.
- CONCEIÇÃO. Concepções de letramento e a relação entre a fala e escrita na visão de professores de língua portuguesa em formação. In: GONÇALVES e BAZARIM . São Carlos, 2009. p 133 - 149.
- CORREA, V. L. *Língua Portuguesa: da oralidade à escrita*. Curitiba: IESDE, 2010.
- CAPELLINI, Simone A. & OLIVEIRA, K. T. Problemas de aprendizagem relacionados às alterações de linguagem. In: CIASCA, S. M. (Org.) *Distúrbios de aprendizagem: proposta de avaliação interdisciplinar*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003 – p. 113-140.
- DIAS, A. A. *A escola como espaço de socialização da cultura em direitos humanos*. Paraíba: Programa de Pós Graduação em Educação, 2012.
- FRADE. Apud. MORAIS. *Alfabetizar letrando: Desafios da prática pedagógica alfabetizadora*. 2010. Disponível em: <[http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.4/GT\\_04\\_02\\_2010.pdf](http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.4/GT_04_02_2010.pdf)> Acesso em: 29 de mar 2016.
- KATO, M. A. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2010.
- KLEIMAN, Angela B, *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.
- MARCUSCHI, L.A. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. Rio de Janeiro, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- \_\_\_\_\_. Apud. SILVA. *Oralidade e escrita: Uma questão de letramento*. 2009. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/humanidades2009/Anais/GT30/30.1.pdf>> Acesso em: 29 de mar 2016.
- MARCUSCHI, L. A.; DIONÍSIO, A. P. *Fala e escrita*. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- PEREIRA, R. C. M. *Ações de linguagem: da formação continuada à sala de aula / Regina Celi Mendes Pereira (org.) - João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.*

RAMOS. Apud. NAZARI e WOLFF. *A importância da oralidade no processo de Alfabetização*. 2009. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/viewFile/4966/4065>>. Acessado em: 01 de abr 2016.>

ROJO, Roxane. Letramento e capacidades de leitura para a cidadania; Revista Lael.

SOARES, M. *Alfabetização e letramento*. São Paulo: Contexto, 2005.

\_\_\_\_\_. Apud. MORAIS. *Alfabetizar letrando: Desafios da prática pedagógica alfabetizadora*. 2010. Disponível em: <[http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.4/GT\\_04\\_02\\_2010.pdf](http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.4/GT_04_02_2010.pdf)>. Acesso em: 29 de mar 2016.

\_\_\_\_\_. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação*. jan/abr. n. 25, 2004.

\_\_\_\_\_. *Alfabetização e Letramento*. 6. ed., 1ª reimpressão. -São Paulo: Contexto, 2011. p. 15-84

SOUSA, V. L. T. *O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola*. São Paulo: Editora Loyola, 2003, 4ª edição.

SILVEIRA apud. AQUINO e AMARAL. 2004, p. 4. *Oralidade e escrita nas séries iniciais*. Disponível em: <[http://www.pibic.unir.br/anais/2004-2005/XII%20SEMIN%C3%81RIO%20FINAL%20-%202004-2005/arq\\_pdf/angie.pdf](http://www.pibic.unir.br/anais/2004-2005/XII%20SEMIN%C3%81RIO%20FINAL%20-%202004-2005/arq_pdf/angie.pdf)>. Acesso em: 21 de abr. 2016.

STAMPA, M. *Aquisição da leitura e da escrita - uma abordagem teórica e prática a partir da consciência fonológica*. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2009.

THOMAZ, J. R. *Alfabetização e letramento: repensando o ensino da língua escrita*. 2009. Disponível em: < <http://www.artigos.com/artigos-academicos/5404-alfabetizacao-e-letramento-repensando-o-ensino-da-lingua-escrita>>. Acesso em 03 de abr. 2016.

UBALDO. C. O Professor na Educação Infantil. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/o-professor-na-educacao-infantil/14417/>>. Acesso em 01 fev 2016.

## ANEXOS 1      QUESTIONÁRIO

### QUESTIONÁRIO DE VERIFICAÇÃO E ANÁLISE DO USO DA ORALIDADE EM LÍNGUA PORTUGUESA

1. Em qual rede de ensino você leciona:

Escola pública ( )                  Escola privada ( )

2. Qual a sua graduação e há quanto tempo você concluiu o curso?

3. Você já participou de cursos ou atividades de formação continuada? Se sim, qual?

4. Ao seu ver, qual a importância da oralidade nas aulas de língua portuguesa?

5. Como o trabalho com a oralidade é realizado em suas aulas? Descreva.

6. Quais gêneros orais você costuma abordar e aplicar nas aulas?

7. Nas aulas dedicadas à oralidade ocorre um planejamento prévio específico? Descreva como isso ocorre.

8. Quando você percebe algum problema de oralidade na produção textual do aluno, como você trabalha esse problema? Descreva.

9. Você percebe que a forma de trabalhar os problemas encontrados nos textos dos alunos, leva-os a escrever melhor? Por quê?

10. Você trabalha com livro didático? Qual?

11. Selecione uma atividade referente à oralidade que você considere satisfatória no livro didático.

12. Que critério você utilizou para classificar essa atividade como satisfatória no trabalho com a oralidade?

## Textos dos alunos da Rede particular

COLÉGIO INOVAÇÃO

FOLHA DE RELATAÇÃO

PROFESSOR(A) / TURNO(A) / PRODUÇÃO LINGUÍSTICA: \_\_\_\_\_ DATA: 28/03/2014

CLASSE: \_\_\_\_\_ TURNO: FUNDAMENTAL TURNO: MANHÃ

ALUNO(A): \_\_\_\_\_

(4,0)

1 A falta de água em Campinas Grande lota  
 2 deprimiu as crianças muito dyca, porque os agricultores  
 3 não estão colhendo, nem plantando a chuva não chega para  
 4 enchê-las, porque a água aqui não vem  
 5 por que da água vem os frutos, a legião, a televisão, a  
 6 mais, alimento e etc.

7 As pessoas sem água não sabem e se não têm  
 8 água não tem (são) e aí a mãe a mãe não tem registro  
 9 para as crianças.

10 Também as pessoas quando tem água estragam e  
 11 quando não tem ficam falando e quando chove  
 12 tem uns que fala e outros que não fala e quando  
 13 não chove não plantam.

14 É assim que se termina assim assim para  
 15 não muito perto.

fim parágrafo!

ama

## COLÉGIO INOVAÇÃO

DISCIPLINA	FOLHA DE REDAÇÃO	
PROFESSORA TUBIANA PRODUÇÃO TEXTUAL	DATA	28.03.16
NOME	SÉRIE	ALUNO
5º ano	FUNDAMENTAL	MANHA
SITUAÇÃO		

5,5

1. Antes, em campo grande era a  
 2. cidade que tinha mais água, mais aos tempo  
 3. de lá pra cá Boquiara está ficando a cidade que tem  
 4. mais água a população tá sofrendo de um  
 5. sério problema que é a água (a falta dela).  
 6. É porque tá gastando água porque a  
 7. própria população não cuida do meio ambiente,  
 8. gasta muita água e por isso a água foi poluída e  
 9. acabando a água lá de Boquiara não está própria  
 10. para beber e nem para fazer comida e lavar  
 11. roupa os dentes, lavar as calças...  
 12. Para resolver esse problema as pessoas tem  
 13. que parar de gastar muita água para resolver o problema  
 14. da água.

## Testos dos alunos da rede pública

09.03.16

Aluno:

## A exploração infantil

Eu sei contra a exploração infantil  
 até os 14 anos, porque crianças menores  
 de 14 anos tem que estudar e  
 certas atividades de crianças, como tipo  
 pro-estudo, como tipo como tipo  
 contra, como tipo como tipo como tipo  
 usar com drogas, usar com como tipo  
 perder de dinheiro, como tipo como tipo  
como tipo como tipo como tipo como tipo  
 culpa porque como tipo como tipo  
 a criança como tipo como tipo  
 porque como tipo como tipo  
 criança como tipo como tipo  
 dentro do como tipo como tipo  
como tipo.

- Prestar atenção no parágrafo

- As palavras estão soltas.

- Melhorar essa letra!

## TEXTO A 13

- Repetição da palavra "CRIANÇA"
- Uso incorreto do "EU"
- Uso de expressão mal: "COMO TIPO"

Bom dia

H T

Série:

Data: 04/03/2036

A exploração infantil

A exploração é ilegal, pode até levar os crianças a criminalidade, criança tem que brincar, ter uma família

Parágrafos?

As crianças podem ajudar mas não trabalha muitas pessoas, até os próprios pais forçam os crianças a trabalhar, isso que é crime?

Crianças trabalhando é crime pode levar muitos anos de prisão o trabalho de crianças, conhecido como exploração infantil pode levar a?

Influência ~~das~~ ~~das~~ das drogas por isso criança não deve trabalhar nunca podendo levar uma criança para o trabalho e crime

→ Ideias confusas e repetidas.

TEXTO A7

- Repetição da palavra "CRIANÇA"



